

DE SÍMBOLO DIVINO À DISSOCIAÇÃO PATRIMONIAL: A TRAJETÓRIA DA ESCULTURA DO DEUS MERCÚRIO, DA TORRE DO MERCADO MUNICIPAL DE PELOTAS, RS

ISABEL HALFEN DA COSTA TORINO¹

FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

Tudo o que sabemos de nós mesmos e do mundo nos vem do passado. É nele que buscamos as memórias que nos mantêm vivos, que nos identificam culturalmente e, quando nos propomos a preservar um bem, é porque admitimos haver alguma ameaça à continuidade da sua existência, que consideramos significativa; essa importância pode estar diretamente ligada à nossa vida, às nossas memórias, ou estar relacionada a outro grupo de pessoas. A necessidade de se conservar, de se estender, de tornar esse bem mais durável, relacionando-o temporal e culturalmente é motivada por um desejo do ser humano de escapar à fugacidade de sua própria existência, encenando ou reativando, no presente, um passado que se julga importante.

Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (1984, p.33), a memória, suporte fundamental da identidade “é mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência individual ou social, constituindo-se em um eixo de atribuições que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade”. Portanto, preservar, tornar esses bens sempre presentes, disponíveis, ativa a nossa memória e, conseqüentemente, nutre a nossa identidade cultural.

A palavra memória tem sido utilizada com muita frequência ultimamente. Andreas Huyssen (2000) afirma que as últimas décadas do século XX foram impregnadas pela “cultura da memória”, quando houve a valorização de um passado como algo que dá substância e coerência à nossa experiência, frente a um presente fragmentado, que não vislumbra um futuro promissor. O autor considera que essa “volta ao passado” tenha ocorrido talvez pela tentativa de se combater o medo e o perigo do esquecimento com estratégias de sobrevivência de rememoração pública ou privada, explicando que:

¹ Bacharel em Conservação e Restauo de Bens Culturais Móveis/UFPeL, pós-graduanda do Curso de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material/UFPeL, Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPeL

O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido. (HUYSSSEN, 2000: 20).

A maioria dos teóricos de estudos culturais concorda com essa “impregnação” da memória que vem acontecendo nos últimos tempos. Faz parte de um consenso, também, o pensamento que o homem contemporâneo vive uma crise de identidade agravada pelas mudanças de valores ocorridas na passagem da modernidade para a pós-modernidade, refletindo-se na revalorização de objetos ou antigos valores que já foram importantes, na procura pela *mode rétro* e na busca exagerada por registros, vestígios e referenciais para se localizar no presente, ou seja, para afirmação de sua identidade cultural.

Essa mesma sociedade contemporânea que tem à disposição as inovações tecnológicas e é cotidianamente assediada pelo domínio da imagem visual e, portanto, vítima de um processo unificador e homogeneizante, busca seus referenciais legitimadores em suportes materiais com os quais compartilha relações importantes com o passado. Nesse sentido, o antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves (2007:14) afirma que um vasto conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por meio das categorias culturais ou sistemas classificatórios. Segundo o autor, nós separamos, dividimos e hierarquizamos esses objetos que consideramos importantes, dando existência e significado a eles.

Considera-se que a cidade de Pelotas possui um número imenso de bens culturais, hierarquizados e classificados como móveis e imóveis. E, deslocado de seu tempo, dissociado também pela falta de documentação, de pesquisa histórica e, portanto, descontextualizado, encontra-se atualmente no prédio da Secretaria Municipal da Cultura de Pelotas (SECULT) um bem cultural que faz parte de uma história repleta de desinformações, contradições e, ao mesmo tempo, de anseios por parte da população em conhecer a sua verdadeira trajetória. Trata-se de uma escultura (figura 1) em metal que representa o deus Mercúrio na mitologia romana ou Hermes na mitologia grega. Essa escultura não possui origem documentada e

² Doutor em Antropologia Social pela USP. Professor do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História e do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do LEPAARQ-UFPeI

tampouco sua localização inicial foi comprovada até hoje. Algumas pessoas afirmam tê-la avistado no alto da torre do Mercado Público Municipal (figura 2); outras duvidam que ela algum dia tenha estado lá. Tampouco o motivo de seu desaparecimento temporário, para mais tarde surgir em uma sala da Secretaria Municipal da Cultura de Pelotas (SECULT) é conhecido até hoje. Além da falta de provas documentais, há escassez de informações sobre ela e, quando obtidas, essas são desencontradas e não fidedignas. Joël Candau (2011:98) afirma que conhecer a origem de um objeto não basta para que a memória possa organizar as representações identitárias. O autor acrescenta que: “é preciso um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos”. Assim, considera-se que essas informações e indícios devem ser acompanhados, esclarecidos e, se possível, confirmados ou não.

Figura 1- Fotografia - escultura representando o Deus Mercúrio, na SECULT



Fonte: Isabel Torino

Figura 2 – Cartão Postal - Mercado Municipal de Pelotas (aproximadamente 1930).



Fonte: Acervo Nelson Nobre

De acordo com relatos orais, algumas citações em trabalhos acadêmicos e matérias veiculadas em periódicos, a escultura de Mercúrio teria sido colocada no alto da torre do Mercado Público de Pelotas após a grande reforma³ que o prédio sofreu de 1911 a 1914, quando foram acrescentados quatro torreões adornados e uma torre metálica de 30 m de altura, com um grande relógio, vinda de Hamburgo, na Alemanha (ALMANAQUE DE PELOTAS, 1914:222). A escultura, além de fazer uma alusão ao comércio, pela iconologia do deus Mercúrio, teria a função de catavento. Além das controvérsias quanto a sua permanência ou não no alto da torre do Mercado Municipal, há informações desconhecidas que tanto atribuem o seu desaparecimento a um temporal seguido de ventos fortes que assolou a cidade de Pelotas na década de 1950, como ao incêndio que destruiu o Mercado Municipal de Pelotas em de 04/09/1969.

A escultura em questão é uma réplica da obra do escultor Giambologna (1529-1608), que está no Museu Nacional de Bargello, em Florença, na Itália. Mais conhecida e citada pelos pelotenses como Mercúrio (na mitologia romana), na mitologia grega, essa divindade é denominada Hermes. Segundo o *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* de Daremberg e Saglio, antes mesmo que os gregos tivessem começado a dar aos seus deuses a figura humana, enquanto eles ainda os representavam por seus símbolos, Hermes era venerado tanto sob a forma de pedras apanhadas nos campos e espalhadas pelo caminho, que serviam de vestígios de guia aos viajantes na ausência de trajetos traçados, como sob a forma de um enorme falo, representando a fecundidade das plantas e dos animais. Aos poucos, segundo Daremberg e Saglio (1900), o símbolo fálico se transforma em ídolo, representado em estelas antropomorfizadas (figura 3). Essas estelas, na época clássica, constituíam-se em marcos pitorescos que representavam o deus Hermes nas cidades, nas esquinas, em frente às portas das residências, nas praças e pórticos, sendo atribuído a ele, por esse motivo, o papel de protetor das ruas, dos vendedores e do comércio. As representações de Hermes foram

passando por etapas sucessivas de mudança de pensamento da arte grega, até chegar ao tipo clássico que conhecemos hoje.

Figura 3 – Ilustração - Estela em pedra, representando Hermes antropomorfizado.

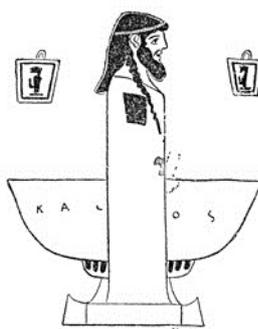


Fig. 3811. — Hermès.

Fonte: Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines.

Divindade complexa, com muitos atributos e funções, Hermes ou Mercúrio é também considerado como o mensageiro dos deuses, o protetor dos viajantes, o deus dos sonhos e do sono (CARR-GOMM, 2004). O bastão ou caduceu que carrega, com cobras enroscadas, seria para lançar um encanto sobre os olhos humanos ou para despertá-los do sono mais profundo.

Ao explorar os domínios da Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicanálise, História e crítica literária, Paiva (2012: 153) reconhece o espírito de Hermes como o intérprete-mediador diante das grandes causas da humanidade. Segundo ele, “Homero, Petronio, Dante, Shakespeare, Proust, Dostoievski, entre outros arcanos do pensamento ocidental, modelaram a imagem de Hermes como fonte de leitura do grande livro do mundo”. Hermes foi assimilado ao deus Mercúrio com o domínio da Grécia em Roma e, pela influência egípcia, sofreu um sincretismo também com Thot, criando-se o personagem de Hermes Trimegisto (PAIVA 2012: 154). A origem do nome desse deus está ligada à “herma”, que significa um platô feito de cipós, grande pilar emanando o sentido de consistência, altivez e perpetuidade (PAIVA, 2012:155). Assim “Hermes tem o poder de ligar, desligar, formar laços afetivos, comerciais e políticos”. O autor salienta o capacete (que ganhou de Hades) como um detalhe importante na

³ O prédio do Mercado Municipal de Pelotas foi construído entre os anos de 1849 a 1850, segundo Atas da Câmara Municipal.

sua indumentária, concedendo-lhe a astúcia, a inteligência, o poder da gnose, do saber e da magia. E acrescenta:

Hermes, sendo uma divindade complexa, é agrário (também protege os pastores) e simboliza o dom da astúcia, do ardil, de uma sabedoria sagrada. E na versão latina, Mercúrio, é o deus dos comerciantes (dos mercadores, dos negociantes e dos “ladrões”). (PAIVA, 2012: 156).

AS TENTATIVAS DE RECUPERAÇÃO DA ESCULTURA

A escultura do Deus Mercúrio que, de acordo com fontes orais, já teria sofrido duas intervenções de restauro, desaparecido por longo período e passado pelas mãos de uma família pelotense, permaneceu muito tempo guardada na Biblioteca Pública Pelotense.

Segundo reportagem do Diário Popular⁴, ela foi restaurada pela primeira vez em 1996, pelo artista César Brito. Nessa ocasião, a escultura, que era oca, foi preenchida com massa, tornando a peça pesada demais para retornar à torre. Essa era a intenção inicial dos preservacionistas que, inclusive já haviam agendado com o Corpo de Bombeiros a sua recolocação no alto do mercado.

Em 2003, em nova tentativa⁵ de restauro, a escultura foi levada para a Maquetaria da Universidade Católica de Pelotas, que tinha como responsável na ocasião o professor Cláudio Pinto Nunes. Segundo ele, que atualmente é funcionário administrativo dessa instituição, encontrava-se naquela época em fase de elaboração um projeto de recuperação da peça, em colaboração com o Instituto Goethe, para a vinda de profissionais alemães para colaborar no seu processo de restauro, já que a torre tinha vindo de Hamburgo, Alemanha. Esse projeto, por questões administrativas, não foi desenvolvido.

⁴ O Diário Popular é um periódico pelotense fundado em 1890. Segundo sua superintendente, em matéria veiculada na edição de 10/03/2003, todas as etapas do primeiro restauro sofrido pela escultura de Mercúrio, em 1996, estão registradas em farta documentação fotográfica, a qual ainda não se obteve o pretendido acesso. Disponível em: http://srv-net.diariopopular.com.br/10_02_03/mercurio.html Acesso dia 17/10/1012

⁵ Matéria redigida por Carmem Abreu, veiculada na página eletrônica da Prefeitura Municipal de Pelotas no dia 25/03/2003. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/noticia.htm?codnoticia=2159> . Acesso em 17/10/ às 3 h.

Por último, em 2006, a escultura foi submetida à nova intervenção de restauro, dessa vez pela restauradora Alice Prati⁶. Depois disso, ela foi colocada em uma sala da Secult, onde permanece até hoje em processo de dissociação.

Assim, considera-se importante trazer à tona aspectos até então obscuros em relação a um bem patrimonial tão lembrado e reivindicado por boa parte dos pelotenses e, ao mesmo tempo, tão desconhecido ou esquecido por outra parte dos habitantes locais. Questiona-se em que momento essas informações se perderam ou se distanciaram da identidade da população pelotense.

Como um bem de natureza material, o patrimônio expressa aspectos da memória e identidade cultural. Julian Thomas (1999:18) considera que a cultura material não é um simples produto de uma sociedade; ela é integral a essa sociedade. Para o autor, “os materiais que restam do passado são mais que testemunhos de uma entidade extinta: são uma parte daquela entidade que ainda está aqui conosco no presente”.

Se nas diferentes formas de perceber os monumentos históricos o desejo de preservação é motivado pelo reconhecimento de um valor cultural, simbólico, ou de memória, essa atribuição, ao mesmo tempo em que os torna merecedores de serem preservados para gerações futuras, deveria guiar as ações preservacionistas. Beatriz Mugayar Kühl (2006:18) afirma que na concepção contemporânea, alargada sobre os bens culturais, a tutela não mais se restringe apenas às "grandes obras de arte", como ocorria no passado, mas se volta também às obras "modestas" que, com o tempo, assumiram significação cultural enfatizando o uso da expressão monumento histórico no seu sentido etimológico, como interpretado por Riegl, ou seja: “como instrumentos da memória coletiva e como obras de valor histórico que, mesmo não sendo ‘obras de arte’, são sempre obras que possuem uma configuração, uma conformação” (RIEGL apud KÜHL, 2006:18). Citando, ainda, a Carta de Veneza de 1964, a autora argumenta que a questão da conservação de monumentos históricos deve ser trabalhada de acordo com a realidade na qual está inserida, com os instrumentos de cada época, ressaltando que o fato de, no futuro, as posturas serem diversas não nos exime da

⁶ Matéria redigida por Michele Ferreira, veiculada no Diário Popular do dia 07/03/2006 . Disponível em: http://srv-net.diariopopular.com.br/07_03_06/p31.html . Acesso em 19/10/2012 às 21h.

responsabilidade pela preservação dos bens culturais e nem da necessidade de agirmos em relação ao legado de outras épocas (KÜHL, 2006:29).

A presente pesquisa, em fase inicial, busca, além de abordar aspectos da presença desse personagem da antiguidade clássica em Pelotas, elucidar a trajetória de um bem patrimonial repleta de informações contraditórias e desencontradas, documentando-o, contextualizando-o e contribuindo para reconstituir sua história de forma fundamentada para a memória da comunidade pelotense.

Como metas iniciais, pretende-se identificar a origem da escultura de metal, descobrir sua real localização inicial, desvendar e esclarecer as controvérsias acerca deste monumento, apontar o motivo de seu desaparecimento do local original, analisar o número de vezes e em que circunstâncias a obra foi submetida a restauro, estudar os materiais do suporte e procedimentos de recuperação sofridos e, finalmente, por meio de registros gráficos e fontes fidedignas, fundamentar informações que possam ser divulgadas à população de Pelotas e a quem mais possa interessar.

Para a pesquisa⁷ histórica, serão buscadas informações em fontes documentais e bibliográficas. Como as fotografias encontradas até o momento não evidenciam claramente a presença da escultura na torre do mercado municipal, pretende-se refinar a busca por meio de levantamento de fontes primárias (entrevistas e antigos cartões⁸ postais da época) com o objetivo de obter informações referentes à origem da escultura de Mercúrio, sua aquisição, instalação na torre, sua degradação física e estrutural, as intervenções pelas quais passou e o seu percurso até chegar a uma sala da SECULT.

Pretende-se, ainda, realizar pesquisa sobre os materiais constituintes do suporte da escultura, assim como os utilizados nas suas restaurações⁹, visando à elaboração de um diagnóstico e uma possível proposta de recuperação futura. Para isso, será utilizada bibliografia específica¹⁰ e serão realizados exames e análises em laboratório para caracterização desses materiais, a partir de amostras retiradas.

⁷ Será cadastrado projeto de pesquisa de consulta junto à Biblioteca Pública Pelotense, para liberação de acesso à consulta de fundos documentais restritos, na intenção de refinar a busca por informações.

⁸ junto a acervos de colecionadores de Pelotas e região, como Flávio Azambuja Kremer e Nelson Nobre Magalhães.

¹⁰ Relacionada nas referências bibliográficas deste projeto.

Acredita-se que a investigação proposta irá esclarecer, expandir e documentar as escassas informações existentes sobre a escultura do Deus Mercúrio, da torre do Mercado Municipal de Pelotas. Ao mesmo tempo em que colaborará para a reconstituição da trajetória de existência de um bem cultural que pertence à história de Pelotas e, portanto a sua identidade cultural, esta investigação irá proporcionar uma reflexão sobre as ações sofridas por ele ao longo do tempo, as posturas adotadas até então e os problemas decorrentes de falhas na gestão patrimonial e da quase inexistência de instrumentos de proteção legal. Estima-se, ainda, que esta reflexão estimule uma nova concepção de políticas responsáveis de preservação patrimonial dos bens móveis em nossa cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almanaque de Pelotas, 1914.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

Carta de Veneza de 1964.

CARR-GOMM, Sarah. **Dicionário de símbolos na arte**: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais. São Paulo: EDUSC, 2004.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2001.

DAREMBERG, Charles e SAGLIO, Edmond. **Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines. D'après les textes et les monuments**. Librairie Hachette, Paris. 1900. Tomo III, volume I. Disponível em :

<http://dagr.univ-lse2.fr/sdx/dagr/feuilleter.xsp?tome=3&partie=1&numPage=132&nomEntree=HERMAE>. Acesso em 22/10/2012 às 11h.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas, gênese e desenvolvimento urbano**. Pelotas: Ed. Armazém Literário. 1994.

GIULIANO, José Antônio Schenini. **Os processos de Fundição como Ferramenta na Obtenção de Esculturas em Metal**. 2008, 150 p. Dissertação (mestrado da Escola de Engenharia da UFRGS) Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14297> Acesso em 22/10/2012 às 19 h.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios**. Coleção Museu, memória e cidadania. Rio de Janeiro. 2007. 256 p. Disponível em:

http://nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf. Acesso em 16/10/2012

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/60437331/TEORICO-Huyssen-Seduzidos-pela-memoria-completo-em-portugues> Acesso em 19/10/2012 às 2 h.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos.** Rev. CPC, Abr 2006, no.1, p.16-40. ISSN 1980-4466 Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n1/a03n1.pdf>> acesso em 23/10/2012 às 3h.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas memória. Fascículo IV.** Pelotas, 1999

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **Identidade Cultural e Arqueologia.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20/1984. P. 33. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_n\Trbs\RevIPHAN\R evIPHAN.docpro&pesq=identidade%20cultural%20e%20patrimonio%20arqueologico. Acesso em 31/05/2012

PAIVA, Cláudio C. **Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação compartilhada.** In: *Mediatização e Midiatização.* Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2012.

Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf Acesso em 26/03/2013 às 20 h.

SCOTT, David A., PODANY, Jerry, CONSIDINE, Brian B., **Ancient and Historic Metal,**1991. The Getty Conservation Institute. Disponível em:

http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/ancientmetals1.pdf
f. Acesso em 25/10/2012 às 15 h.

SCOTT, David A., **Metallography and Microstructure of Ancient and Historic Metals.** 1991. The Getty Conservation Institute. Disponível em:

http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/metallography.pdf
f Acesso em 25/10/2012 às 16 h.

THOMAS, Julian. **A materialidade e o social.** Artigo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1999. Suplemento 3: 15-20. P. 18.